

Resenha

SALAZAR e KRUIJT, Luis Suárez e Dirk (organizadores). “La Revolución Cubana en nuestra América: el internacionalismo anónimo”. Cidade do Panamá: Ruth Casa Editorial, 2015¹

Marcos Antonio da Silva²

O internacionalismo constitui-se num dos componentes fundamentais da Revolução Cubana. Desde sua emergência até a atualidade, apesar das crises e transformações internas, a cooperação internacional, de forma multidimensional, tornou-se numa marca fundamental da política externa cubana e contribui para a sua projeção internacional. No entanto, se tal cooperação, nas décadas de 60 e 80, foi influenciada pelo contexto da guerra fria, envolvia o engajamento militar (como nos conflitos africanos e centro-americanos) e civil, no cenário contemporâneo a cooperação civil em diversas áreas (saúde, educação, cultura, esporte, desastres naturais, ...) adquiriu grande relevância propiciando a emergência da “Diplomacia Social” (KIRK e ERISMAN, 2009; HUIISH e DARNELL, 2001; SILVA, JOHNSON e ARCE, 2014).

Neste sentido, apesar dos riscos, tal envolvimento foi fundamental e o reconhecimento explícito do papel desempenhado por Cuba, além do seu caráter construtivo nos conflitos africanos, por exemplo, foi apontado por Nelson Mandela ao afirmar que:

Venimos aquí con el sentimiento de la gran deuda que hemos contraído con el pueblo de Cuba; qué otro país tiene una historia de

¹ O catálogo da editora pode ser consultado nos seguintes endereços: www.ruthcasaeditorial.org ou www.ruthtienda.com.

² Professor do curso de Ciências Sociais e do Mestrado em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Doutor em Integração da América Latina (PROLAM/USP) e membro do Laboratório Interdisciplinar de estudos sobre América Latina (LIAL/UFGD).

mayor altruísmo que la que Cuba puso de manifiesto en sus relaciones con África? (citado por GLEIJESES, 2003, p. 119).

A prática de tal internacionalismo, embora complexa em suas motivações e ações, pode estar associada a dois fatores fundamentais: autodefesa e o idealismo. No primeiro caso, como afirma Gleijeses (2003), depois de procurar um *modus vivendi* com os EUA, a liderança cubana chegou a uma conclusão muito clara: para se proteger dos EUA, a melhor defesa seria contra atacar, através dos espaços gerados no Terceiro Mundo. Neste sentido, podemos observar que:

Castro consideraba que la supervivencia de la revolución dependia “del surgimiento de otras Cubas”, pues pensaba que EUA se veria obligado en ultima instancia a aceptar a Cuba cuando tuviera que hacer frente simultaneamente a vários otros gobiernos revolucionários. Y cuando Che Guevara fue a África em diciembre de 1964, los analistas de inteligencia de EUA, recalcaron este elemento de autodefensa (GLEIJESES, 2003, p. 109).

O segundo fator de promoção do internacionalismo cubano foi o idealismo que condicionou a política externa do país neste período, ou seja, o sentido de missão revolucionária, personificado na noção de “internacionalismo proletário”. Sendo assim, o país se envolveu em conflitos e ações nos mais diversos cantos do planeta, com especial destaque para a África e América Latina.

No caso da África os riscos eram menores, não provocavam diretamente os EUA e o país não atuava contra governos legais, como na América Latina, pois contribuía com movimentos e organizações que lutavam contra o regime colonial ou governos pré-estabelecidos e, em geral, ditatoriais. Desta forma, podia continuar desenvolvendo a estratégia de promoção da revolução, sem maiores danos. Apesar disto, tal postura provocou, inúmeras vezes, conflito com a realpolitik, gerando tensões com os aliados soviéticos, aumentando a ruptura com os EUA e criando novos inimigos, além de drenar importantes recursos de que o país tanto necessitava (GLEIJESES, 2003, p. 114-116)³.

³ Como aponta o autor, citando duas fontes bem distintas. Para os russos, “tal como lo dijo un alto funcionario soviético- Anatoly Dobrynin, ex-embajador soviético- em sus memórias, los cubanos enviaron sus tropas por iniciativa própria y sin consultarnos”; afirmação esta que é reafirmada por Henry Kissinger, que em suas memórias declara que “no podíamos imaginar que actuara en forma tan provocadora tan lejos de su país a no ser que Moscú lo presionara a pagar le el apoyo militar y

Neste período o internacionalismo cubano esteve associado duas dimensões. No âmbito militar, desde o alvorecer do período revolucionário, o país apoiou grupos e governos que se identificavam com seus ideais, principalmente na África e na América Latina. De tal forma que, no auge do envolvimento militar cubano nos anos 70 e 80, suas tropas eram as mais qualificadas da América Latina, estavam presentes em mais de 40 países e envolviam diversas operações (DOMÍNGUEZ, 2004). Tal atuação foi fundamental no processo de descolonização africana e no apogeu da luta guerrilheira na América Latina já que o apoio cubano havia sido fundamental para a garantia de recursos e treinamento para os diversos grupos em ação.

A segunda dimensão refere-se à colaboração e cooperação de caráter civil, que foi tão importante quanto a anterior neste período e se tornou preponderante no pós-guerra fria. Tal cooperação envolveu o envio de educadores, engenheiros, médicos e um sem número de profissionais para todos os cantos do planeta, renunciando o que FEINSILVER denominou de “diplomacia médica”, compreendida por:

En los análisis sobre la política exterior cubana se há pasado por alto la diplomacia médica. Sin embargo, ella ha sido parte integral de casi todos los acuerdos de cooperación y ayuda que Cuba ha consagrado historicamente al fortalecimiento de sus lazos diplomáticos con otros países del Tercer Mundo. Decenas de países han recibido asistencia médica cubana de largo plazo, y muchos otros han recibido ayuda a corto plazo en respuesta a situaciones de emergencia. La ayuda médica cubana llega a millones de personas en el Tercer Mundo anualmente a través del suministro directo de atención sanitaria, y a miles anualmente a través de programas de educación y entrenamiento en la esfera de la salud, tanto en Cuba como en el extranjero. El impacto positivo de esta ayuda en la salud de poblaciones del Tercer Mundo ha mejorado considerablemente las relaciones de Cuba con otros países y *ha aumentado el capital simbólico de Cuba entre gobiernos, organizaciones internacionales e intelectuales que, en el Tercer Mundo, a menudo juegan un papel importante en la formación de opinión pública y la política pública* (FEINSILVER, 1993, p. 193; citado por ALZUGARAY, 2003, p. 27).

econômico. Las pruebas hoy disponibles indican que fue lo opuesto” (GLEIJESES, 2003, p. 113-114). Do mesmo modo, Sulzc afirma que: “Contrariamente a crença generalizada, foi ideia de Fidel Castro- e não dos russos- o engajamento de tropas cubanas na guerra civil em Angola, de forma totalmente aberta” (SZULC, 1987, p. 752).

Tal conceito pode ser ampliado, considerando a natureza contemporânea (e a emergência de uma nova forma de soft power) e a ampliação das áreas envolvidas na cooperação cubana (saúde, educação, esportes, cultura, ...), para a noção de “Diplomacia Social”. Esta engloba um conjunto mais amplo de elementos e ações, como o desenvolvimento de uma política de concessão de bolsas de estudo para um grande número de estudantes, africanos e latino-americanos, que passaram (e continuam passando) pelos bancos escolares cubanos.

Neste sentido, a recente experiência da Escola Latino-Americana de Medicina (ELAM), criada em 2004 e analisada no livro constitui-se na referência primordial⁴. Segundo Torres e Cruz (2011), somente em ações educacionais na área da medicina podemos constatar que:

En el curso escolar 2009-2010 hubo una matrícula de 51 648 estudiantes en Cuba y en el exterior, los que se formaron junto a las Brigadas Médicas em los países, distribuidos de la siguiente forma: 8 170 estudiantes em la Escuela Latinoamericana de Medicina, 12 017 em el Nuevo Programa de Formación de Medicina, 1 118 em otros proyectos, 29 171 junto a las Brigadas y 1 172 estudiando carreras técnicas. La Escuela Latinoamericana de Medicina, creada el 15 de Noviembre de 1999 por idea de Fidel, también Marcó un viraje em la concepción de la ayuda cubana em la formación de recursos humanos, inicialmente concebida para formar estudiantes de zonas remotas y postergada s del continente. Es una contribución de Cuba para ayudar a los países a saldar su propia deuda social, es um orgullo y ha graduado 7 256 médicos de 30 países, cuenta actualmente con una matrícula de 8 170 estudiantes de 28 países (TORRES e CRUZ, 2011, p. 385).

No entanto, o internacionalismo cubano ainda carece de estudos mais aprofundados sobre sua natureza, ações e impactos e, embora tenhamos um número relativos de análises sobre o caso africano, a cooperação cubana voltada a América Latina ainda necessita de pesquisas e publicações mais amplas e aprofundadas.

Sendo assim, o trabalho publicado, organizado por Luis Suárez Salazar e Dirk Kruijt constitui-se numa obra fundamental para um balanço inicial do

⁴ Sendo assim, pode-se destacar que, a exemplo da ELAM, foi criada a Escola Internacional de Educação Física e Esportes (EIEFD), que recebeu, até 2011, cerca de 1.400 estudantes de 76 países, além da organização de eventos (HUIISH e DARNELL, 2011).

internacionalismo cubano voltado á região. Salazar é um importante intelectual cubano, com uma longa trajetória nos órgãos governamentais e acadêmicos cubanos, foi diretor do Centro de Estudos de América (CEA) e da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS). É professor da Universidade de Havana, do Instituto Superior de Relações Internacionais (ISRI) e um autor prolífico e premiado, tendo publicado, entre outros, os seguintes livros: “Madre América: Un siglo de violencia y dolor (1898-1998)”, “Obama: La máscara del poder inteligente”, “La estrategia revolucionaria del Che: Una mirada desde los albores de la segunda década del siglo” e organizador de “Fidel Castro: Latinoamericanismo vs. Imperialismo” e “El Gran Caribe en el siglo XXI: Crisis y respuestas”⁵.

Dirk Kruijt é doutor em Ciências Sociais, professor da Universidade de Utrecht, alternando esta condição com sua atuação no corpo diplomático holandês, foi presidente fundador da Associação Holandesa de Estudos sobre América Latina e Caribe (NALACS) e é autor de, entre outros, os seguintes livros: “Fragility and Resilience in Urban Latin America”, con Kees Koonings e os traduzidos ao espanhol: “Drogas, democracia y seguridad. El impacto del crimen organizado en el sistema político en América Latina” e “Guerrillas: Guerra y Paz en Centroamérica y Combatientes”, com a equipe da FLACSO-Cuba da Universidade de Havana.

O livro, um volume extenso, reúne um conjunto de entrevistas dos protagonistas do internacionalismo e da cooperação cubana na América Latina, constituindo-se num documento histórico e no depoimento de atores que estiveram diretamente envolvidos com a cooperação cubana na região. O título remete ao envolvimento, anônimo, do povo cubano e também ao fato de que algumas destas ações não tiveram ou adquiriram a publicidade midiática, constituindo-se numa novidade interessante ao tratar de questões relativas á segurança e apoio político.

⁵ Além disto, como apresentado no livro, Luis Suárez Salazar é “Licenciado en Ciencias Políticas, doctor en Ciencias Sociológicas y doctor en Ciencias. Profesor Titular del Instituto Superior de Relaciones Internacionales Raúl Roa García (ISRI), así como de varias cátedras de la Universidad de La Habana. Es miembro de la Unión de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC), de la Sociedad Cubana de Derecho Internacional de la Unión de Juristas de Cuba (UNJC), de la Unión de Historiadores de Cuba (Unhic) y de la Asociación de Historiadores de América Latina y el Caribe (ADHILAC). Integra el Consejo de expresidentes de la Asociación Latinoamericana de Sociología (ALAS) y es miembro de Consejo Latino-Americano de Ciencias Sociales (CLACSO)”.

Neste sentido, destacam-se depoimentos de atores da primeira geração de revolucionários como Alberto C. Villamar (que ficou preso na Argentina nos 60), Angel Cabrera (diretor da Revista Bohemia), Fernando Martínez Heredia (um dos mais importantes intelectuais cubanos), Giraldo Mazola Colazzo (fundador do Instituto Cubano de Amizade com os Povos-ICAP e embaixador em diversos lugares), Lázaro Mora Secades (que atuou na África e América Latina no período), Ulises Estrada (Fundador do Departamento de América do PCC) e Norberto Hernández Curbelo (embaixador e vice-chefe do Departamento de América do PCC) bem como atores contemporâneos, envolvidos nas ações de cooperação do período pós-guerra fria, como Máritza G. Bravo (Vice-Reitora da ELAM), Vicente Feliú (compositor da Nova Trova Cubana e coordenador do projeto de canção latino-americana Canto de Todos), Yoandra Muro Valle (médica que atuou na Guatemala após o furacão Mitch e foi diretora da ELAM), Lourdes Cervantes Vásquez (que atua na OSPAAAL- Organização de Solidariedade dos Povos da Ásia, África e América Latina), José Luis Moreno (da Cruz Vermelha Cubana), Javier Lavrada Rosabal (que atuou em ações de educação em inúmeros países), Fernando Rojas Gutierrez (Presidente da Associação Hermanos Sainz), dentre inúmeros outros.

Tal quadro revela a diversidade, em termos geracionais e das atividades desenvolvidas, e a amplitude da colaboração cubana, bem como sua constância.

A partir dos depoimentos três características emergem da obra e nos ajudam a compreender o internacionalismo cubano. Primeiro, por se constituir num documento histórico fundamental, resgatando tais ações e demonstrando que a história da América Latina contemporânea está relacionada, profundamente, ao desenvolvimento da Revolução Cubana e esta esteve envolvida nos principais acontecimentos da região durante as últimas décadas, apesar da retração recente. Além disto, nos permite compreender como tal ação levou a criação de organismos (Departamento de América do CC) e instituições (ICAIC, ELAM, OSPAAAL) foram sendo criadas na medida em que tal envolvimento se aprofundava e diversificava.

Ainda, demonstra que tal colaboração possui uma alta complexidade, fugindo das fórmulas simplificadoras de cooptação ou manipulação, e teve um caráter multidimensional abrangendo uma diversidade de áreas, temáticas e ações (para

além da cultura, educação e esporte), apontando a necessidade de estudos sistemáticos que possam ampliar e aprofundar as análises existentes. Finalmente, aponta um balanço lúcido sobre as potencialidades e limites de tal cooperação, demonstrando que tal envolvimento, alicerçado no pensamento de José Martí, também esteve relacionado aos interesses de sua liderança e a dinâmica política do processo revolucionário.

Tal obra, apesar de preencher uma lacuna, apresenta algumas limitações. Trata-se de um trabalho volumoso, que poderia ser sintetizado para facilitar o acesso de um público mais diversificado. Além disto, a obra poderia ser agrupada em relação a temáticas (educação, cultura, esportes, ações emergências de apoio a desastres, organizações internacionais, ...) ou períodos, procurando fornecer um quadro temporal mais preciso e demonstrando a relação entre continuidade e rupturas no internacionalismo cubano. Finalmente, ao trabalho poderia ser inserido um posfácio de caráter analítico, procurando captar os elos entre tais entrevistas e ações e, principalmente, desenvolvendo um balanço crítico considerando os acertos, certamente maiores, mas também os equívocos e limites de tal processo.

Em suma, é uma obra fundamental para compreender o internacionalismo cubano e observar que, nas relações internacionais a solidariedade, e não apenas interesse calculista, pode orientar as ações dos governos. Desta forma, se o contexto mundial contemporâneo é marcado pela emergência de muros e barreiras separando as nações, por controles mais rígidos para a migração, pelo aumento das desigualdades e por conflitos e catástrofes mais intensas, lembrar que as relações humanas também podem se desenvolver com base na solidariedade constitui-se numa contribuição primordial. A todos, boa leitura!

Referências

ALZUGARAY, Carlos. La política exterior de Cuba em la década de 90: intereses, objetivos y resultados. *Política Internacional*, La Habana, vol. I, n. 1, p. 14-32, enero-julio 2003.

DOMÍNGUEZ, J. I. La política exterior de Cuba y el sistema internacional. In: TULCHIN, Joseph; ESPACH, Ralph. *América Latina en el nuevo sistema internacional*. Barcelona: Bellaterra, 2004, pp. 255-286.

FEINSILVER, JULIE. *Healing the masses: Cuban Health Politics at Home and Abroad*. Berkeley: University of California Press, 1993.

GLEIJESES, Piero. Las motivaciones de la política exterior cubana. *Política Internacional*, La Habana, vol. I, n. 1, p. 99-119, enero-julio, 2003.

HUIH e DARNELL, R. e S. Solidarity, counter-hegemony, and development: exploring new dimensions of Cuba's sport-based internationalism. In: *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies*, vol. 36, n. 71, 2011, pg. 139-194.

KIRK e ERISMAN, J. e M. H. *Cuban Medical internationalism: origins, evolution and goals*. New York: Palgrave MacMillan, 2009.

SALAZAR e KRUIJT, Luis Suárez e Dirk (organizadores). "La Revolución Cubana en nuestra América: el internacionalismo anónimo". Cidade do Panamá: Ruth Casa Editorial, 2015.

SILVA, JOHNSON e ARCE, Marcos A. da, Guillermo A., Anatólio M. *Cooperação e Soft Power na política externa cubana: a emergência da diplomacia social*. In: *Revista Conjuntura Austral*, vol. 5, n. 23, abril-maio de 2014, pg. 101-122.

SZULC, Tad. *Fidel: um retrato crítico*. Best Seller, 1987.

TORRES, Nestor M.; CRUZ, Evelyn M. *Experiência cubana em cooperação Sur-sur*. In: *Revista Cubana de Salud Pública*, 2011; vol. 37(4), pgs. 380-393.

Recebido em Maio de 2016.

Publicado em Julho de 2016.